



ATA NÚMERO DOIS

ATA DA 1.ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA REALIZADA NO DIA VINTE E CINCO DE ABRIL DO ANO DE DOIS MIL E VINTE E TRÊS. -----

Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e três, pelas dez horas, reuniu a Assembleia Municipal da Maia na sua primeira sessão extraordinária, conforme edital de onze de abril de dois mil e vinte e três, com a seguinte **Ordem de Trabalhos**: -----

1. HASTEAR DAS BANDEIRAS NACIONAL E DO MUNICÍPIO; -----

A cerimónia foi iniciada com o hastear das Bandeiras Nacional e do Município, pelo Senhor Presidente da Assembleia, António Gonçalves Bragança Fernandes e pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal, António Domingos da Silva Tiago, na Praça do Doutor José Vieira de Carvalho, ao som do Hino Nacional interpretado em conjunto pela Banda Marcial de Gueifães e pela Banda de Música de Moreira da Maia. A Sessão Solene Evocativa do 25 de Abril de 1974 prosseguiu no Salão Nobre D. Manuel I, no edifício dos Paços do Concelho. -----

2. EVOCAÇÃO DO DIA 25 DE ABRIL DE 1974: -----

Na abertura desta Sessão Solene evocativa do 25 de abril, apresentou-se o Ensemble de Guitarras do Conservatório de Música da Maia que interpretou "The Water Is Wide", tema tradicional escocês com arranjo de m. Langer; "Stand By Me", um original de Ben E. King, escrito por Jerry Leiber e Mike Stoller, com arranjo de A. Faria; "Happy", de Pharrell Williams, com arranjo de M. Langer; e "Grândola Vila Morena", de Zeca Afonso com arranjo de Barceló, sob a direção do Professor Tiago Marques. -----

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA, ANTÓNIO GONÇALVES BRAGANÇA FERNANDES, saudou todos os presentes e os que assistiam via plataforma digital e informou que na Sessão Solene iriam usar da palavra, em primeiro lugar, o Senhor Presidente da Câmara Municipal, depois cada um dos representantes das forças políticas representadas na Assembleia Municipal, por ordem inversa de representatividade, sendo depois finalizada com a intervenção do Senhor Presidente da Assembleia Municipal. De seguida, deu nota dos seguintes pedidos de substituição o Senhor Deputado e Presidente da Junta de Freguesia Águas Santas, Miguel Ferreira dos Santos, do Partido Socialista foi substituído pelo Vogal do Executivo, Artur Fernando Silva Ribeiro; o Senhor Deputado António Fernando de Oliveira e Silva da



Coligação "Maia em Primeiro" foi substituído pelo Senhor Deputado Pedro Miguel Sousa Carvalho; a Senhora Deputada e 1.ª Secretária Márcia Isabel Duarte Passos Resende da Coligação "Maia em Primeiro" foi substituída pelo Senhor Deputado Sérgio Fernando da Silva Pinto. Os documentos que comprovam estas substituições fazem parte integrante desta ata como documentos identificados com os números **um a três**. Esteve ausente o Senhor Deputado do PS, João José Magalhães Torres. -----

Usaram da Palavra os Senhores: -----

ANTÓNIO DOMINGOS DA SILVA TIAGO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DA MAIA, que depois de fazer uma saudação a todos os presentes, proferindo de seguida o discurso, documento identificado com o **número quatro**. -----

CATARINA ISABEL MARQUES MAIA, Deputada da Iniciativa Liberal, depois da saudação aos presentes, proferindo de seguida o discurso, documento identificado com o **número cinco**. -----

SOFIA RIOS BATISTA, Deputada Independente, saudou todos os presentes, proferindo de seguida o discurso, documento identificado com o **número seis**. -----

PAULA ALEXANDRA PINHO DA COSTA, Deputada do PAN, saudou todos os presentes, proferindo de seguida o discurso, documento identificado com o **número sete**. -----

CARLA SUSANA FERNANDES RIBEIRO, Deputada da CDU-Coligação Democrática Unitária, saudou todos os presentes, proferindo de seguida o discurso, documento identificado com o **número oito**. -----

SÉRGIO ALFREDO CONCEIÇÃO DA SILVA E SOUSA, Deputado do Bloco de Esquerda, saudou todos os presentes, proferindo de seguida o discurso, documento identificado com o **número nove**. -----

SANDRA MARIA BRITO GODINHO, Deputada do Partido Socialista saudou todos os presentes, proferindo de seguida o discurso, documento identificado com o **número dez**. -----

MARCO FILIPE FERREIRA DOS SANTOS, Deputado da Coligação "Maia em Primeiro" saudou todos os presentes, proferindo de seguida o discurso, documento identificado com o **número onze**. -----



ANTONIO GONCALVES BRAGANCA FERNANDES, PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA, depois de fazer uma saudação a todos os presentes, proferindo

de seguida o discurso, documento identificado com o **número doze.** -----

Terminadas as intervenções, a Sessão foi encerrada, honrando a tradição já instituída, pelo Coral Infantil Municipal dos Pequenos Cantores da Maia, que começaram por interpretar 3 temas musicais dotados de especial significado simbólico, com arranjos e sob a direção artística do seu maestro, Victor Dias: 1º. No Teu Poema, uma canção de José Luís Tinoco, que invoca valores essenciais da portugalidade, do amor, da paz e da liberdade; 2º. Soldadinho, Mudam-se os Tempos e Qual É A Tua Ó Meu, um pequeno *medley* com 3 das mais conhecidas canções de José Mário Branco que aludem aos factos e valores do 25 de abril: Soldadinho, aborda a temática da guerra colonial que acabou em consequência do 25 de abril de 1974; Mudam-se os Tempos, uma canção composta a partir do célebre poema de Luís de Camões, que alude à natureza intrínseca do ser humano, ou seja, a mudança do ser e da confiança em função das circunstâncias de cada tempo; Qual É A Tua Ó Meu, uma paródia que faz o *storytelling* do dia 25 de abril de 1974 e promove a apologia da democracia. por último, os Pequenos Cantores da Maia, com a colaboração de todos, interpretaram o Hino Nacional, A Portuguesa, de Alfred Keil. -----

E sendo onze horas e cinquenta e oito minutos do dia vinte e cinco de abril de dois mil e vinte e três, foi dada por encerrada a Sessão Solene, de que, para constar, se lavrou a presente ata que vai ser assinada pelos Membros da Mesa: Presidente da Mesa, António Gonçalves Bragança Fernandes, pela 1.ª Secretária, Susana Filipa Coelho Rafael, e pela 2.ª Secretária, Maria Madalena Moutinho Nogueira dos Santos. -

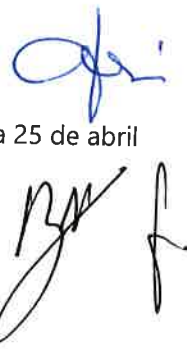
O Presidente:

A 1.ª Secretária:

A 2.ª Secretária:

Assembleia Municipal da Maia

De: Miguel dos Santos <migueldossantos.ps@hotmail.com>
Enviado: 14 de abril de 2023 18:08
Para: Assembleia Municipal da Maia
Assunto: Re: 1.ª Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal, a realizar no dia 25 de abril de 2023



Boa Tarde,

Venho por este meio pedir a minha substituição na 1.ª Sessão Extraordinária da AMM, devido a compromissos na minha freguesia relativos à mesma celebração.

Tal como no ano passado, estará em minha representação o meu colega de Executivo, Artur Fernando da Silva Ribeiro.

Melhores Cumprimentos

Miguel dos Santos
JF Águas Santas

Em 11/04/2023 12:05, Assembleia Municipal da Maia <presidente.assembleia@cm-maia.pt> escreveu:

Exmas. Senhoras Secretárias da Mesa,

Exmos. (as) Senhores (as) Líderes dos Grupos Municipais,

Exmos. (as) Senhores (as) Deputados

Por indicação do Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Maia, serve o presente para remeter a V.ª Ex.ª a Convocatória e respetivo Edital, para a 1.ª Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal, a realizar no dia 25 de abril de 2023, às 10:00h, no Salão Nobre do Edifício dos Paços do Concelho do Município da Maia.

Em nome do Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal, endereço os melhores cumprimentos.

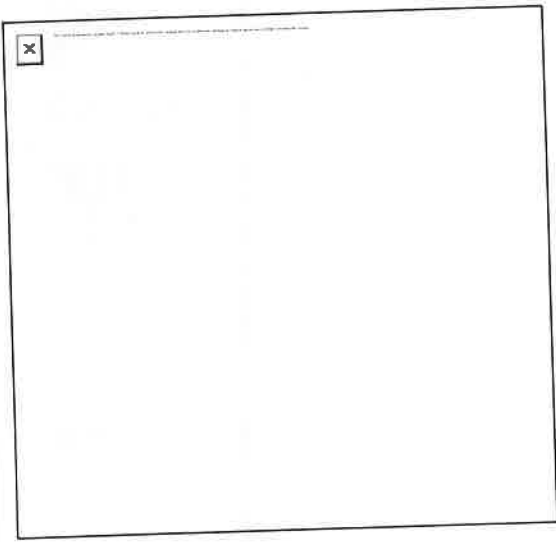
Iolanda Dias

Assistente Técnica

iolanda.dias@cm-maia.pt

Tel: 229 408 756 Ext: 8756

Tel: 939 044 268



Assembleia Municipal da Maia

De: António Fernando Silva <antonio.oliveira.silva@gmail.com>
Enviado: 19 de abril de 2023 18:00
Para: Assembleia Municipal da Maia
Assunto: Re: Discurso: 49.º aniversário do 25 de abril de 1974

afsi
Vinho
Comogueira o
de Linda reunião
Bz

Exmo Srº Eng António Gonçalves Bragança Fernandes
MI Presidente da Assembleia Municipal da Maia

Venho por este meio pedir a minha substituição na Assembleia Extraordinária Comemorativa do 25 de Abril e por conseguinte informo que em minha substituição intervirá o Deputado da Coligação Maia em Primeiro Marco Filipe Ferreira dos Santos.

Sem outro assunto de momento apresento-lhe os meus melhores cumprimentos.

António Fernando de Oliveira e Silva

Assembleia Municipal da Maia <presidente.assembleia@cm-maia.pt> escreveu no dia quarta, 19/04/2023 à(s) 17:33:

Exmos.(as) Senhores (as)

Líderes dos Grupos Municipais da Assembleia Municipal

Incumbe-me o Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal de solicitar a V.ª Ex.ª o nome do (a) Deputado (a) que irá discursar no 49.º aniversário do 25 de abril de 1974, o mais breve possível, de acordo com o estabelecido na reunião da Comissão de Trabalho das Atividades da AM a 17 de abril 2023.

Grata e com os melhores cumprimentos,

Iolanda Dias

Assistente Técnica

iolanda.dias@cm-maia.pt

Tel: 229 408 756 Ext: 8756

Tel: 939 044 268



MAIA

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

**UNIDADE DE APOIO
AOS ORGÃOS AUTÁRQUICOS**

Assembleia Municipal da Maia

De: MÁRCIA PASSOS <advmarciapassos@gmail.com>
Enviado: 20 de abril de 2023 12:03
Para: Presidente Assembleia Municipal da Maia
Cc: Presidente; Filipa Rafael
Assunto: Ausência sessão solene 25 de abril - justificação de falta

Estimado Senhor
Presidente da Assembleia Municipal da Maia,
Eng. António Bragança Fernandes,

Em virtude das sessões solenes que terão lugar no dia 25 de abril na Assembleia da República às quais, como compreenderá, não poderei faltar, não me será possível estar presente na sessão solene que terá lugar na nossa Assembleia Municipal, como muito gostaria.

Assim, nos termos legais e regimentais, solicito que considere a minha falta devidamente justificada e sejam adotadas as diligências para a minha substituição.

Com os meus agradecimentos e cumprimentos,

Márcia Passos

Márcia Passos
Advogada
C.P. 5608p
Tel.: + 351 919893043

visto -
Comprova-se a seguinte
da lista





DISCURSO NA SESSÃO SOLENE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL EVOCATIVA DO 25 DE ABRIL
- 25 DE ABRIL DE 2023 -

Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Maia,

António Bragança Fernandes,

Na sua pessoa, cumprimento todos os autarcas aqui presentes,

Senhoras e senhores vereadores,

Senhoras e senhores Presidentes das Juntas de Freguesia

Senhoras e senhores membros desta Assembleia Municipal,

Digníssimos representantes das autoridades civis, de segurança pública e militares,




Senhoras e senhores convidados,

Senhoras e senhores jornalistas,

Minhas senhoras e meus senhores,




Caras e caros maiatos,

Passam hoje 49 anos desde que em 1974 a Revolução dos Cravos derrubou a ditadura política saída da revolução de 28 de maio de 1926, e a substituiu por um regime que organiza o nosso Estado em torno dos valores fundamentais da Democracia e da Liberdade, assentes na expressão soberana do Povo através de eleições livres e universais e na garantia aos indivíduos de amplas liberdades para a sua realização pessoal e coletiva.



Desde abril de 1974 passaram já mais anos do que aqueles que durou a ditadura então derrubada. E desde então o mundo mudou substancialmente:

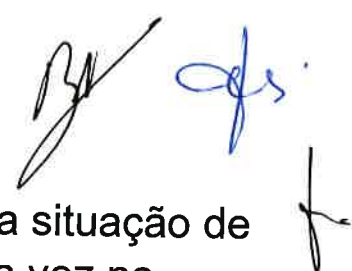
- Assistimos à queda do Muro de Berlim, que durante décadas separou simbolicamente a Europa entre duas concepções ideológicas antagónicas de organização do Estado, antagonismo esse que quase levou ao holocausto da guerra nuclear;
- Vimos o horror da Guerra regressar à Europa, na Bósnia e noutros locais da ex-Jugoslávia;
- Sofremos os efeitos brutais de uma pandemia global, que espalhou sofrimento e morte pelo mundo.



Mas também testemunhamos avanços científicos notáveis que constituem verdadeiras façanhas de quase-ficção científica, que nos envolvem a todos numa revolução tecnológica permanente, com promessas e expectativas uma vida mais sustentável, mais tranquila e mais livre. Mais livre, porque menos dependente da materialidade dos sistemas de produção e dos serviços.

E é verdade que a revolução tecnológica que suporta a transição para o digital, de algum modo, tem alavancado a desmaterialização de processos e contribuído para diminuir e mitigar os impactos ambientais decorrentes das interações humanas com a Natureza.

Contudo, diga-se também, que não é ainda possível afirmar que isso se tenha repercutido em mais felicidade para a Humanidade, ou se, pelo contrário, tem criado angústia e perturbação, sobretudo quando o digital é terreno fértil para mentes perturbadas e perturbadoras, que ameaçam a Liberdade e condicionam a Democracia.



A Europa e o mundo vivem, há mais de um ano, uma situação de alta tensão e o regresso da tragédia da guerra, desta vez na Ucrânia, com uma superpotência a querer dominar e expandir o seu império, arrastando a aldeia global para a desordem e para o risco de uma generalização das tensões e conflitos.

Sou um democrata institucionalista por convicção e prática, para quem o diálogo pessoal, institucional e diplomático é essencial para a construção da Paz social e da Paz global.

Estou certo que a possibilidade de acordo e de compromisso, mesmo em contextos de grande adversidade e pluralismo multilateral, são instrumentos políticos essenciais ao progresso, ao desenvolvimento e à Paz.

Diante a incerteza que grassa, poder-me-ão dizer que nós, aqui no nosso ecossistema humano, social e económico local, que corporiza a nossa comunidade concelhia, pouco poderemos fazer para melhorar o cenário atual do Mundo.

Na verdade, não está ao nosso alcance impactar positivamente a marcha do tempo, mas está nas nossas mãos, agir localmente e colocar, todos os dias, a política ao serviço das populações, ajudando a resolver os seus problemas concretos, realizando projetos que melhorem as suas condições de vida e contribuam efetivamente para que tenham uma vida completa e feliz.

O poder autárquico democrático é, sem sombra de dúvida, a base política matricial que mais e melhor pode contribuir para fomentar a esperança num futuro de confiança para todos e promover, por essa via, a paz e a concórdia.

A handwritten signature in blue ink, consisting of a large, stylized initial 'P' followed by a series of loops and a vertical stroke.

Minhas senhoras e meus senhores,

Quero endereçar uma palavra de solidariedade para com o povo da Ucrânia que está a pagar com a vida de muitos dos seus cidadãos, o preço da Liberdade, resistindo a uma guerra dilaceradora.

Uma palavra de solidariedade que também dirijo aos mais frágeis e desprotegidos que, em consequência da crise económica internacional, da crise energética, da inflação galopante e dos efeitos da guerra, enfrentam dificuldades sociais e económicas acrescidas. O meu pensamento, mas também o meu foco e do executivo municipal que lidero, é na continuidade do trabalho que temos vindo a desenvolver, no sentido de ajudar a minorar as dificuldades que a conjuntura lhes impõe.



Por fim, deixo aos jovens da Maia, uma palavra especial de felicitação, quer pela sua vontade de participar ativamente na vida da comunidade, como pela generosidade e denodo com que se entregam a causas nobres, solidárias e à missão de servir o bem-comum.

Mas, não posso deixar de expressar que sinto que estamos a falhar coletivamente, enquanto país, no cumprimento das suas legítimas expetativas de realização profissional e de felicidade pessoal.

O Desenvolvimento estava inscrito no programa do MFA como um dos 3 objetivos essenciais da Revolução de Abril.

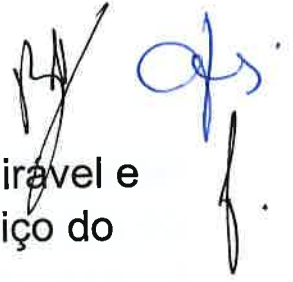


Nestes 49 anos que hoje assinalamos, muitos e decisivos foram os passos que Portugal deu rumo ao desenvolvimento social e humano dos portugueses, para o que muito contribuiu a ajuda da União Europeia.

Porém, nunca Portugal conseguiu convergir decisivamente, em termos económicos, com os padrões europeus. Ocupamos, desde sempre e teimosamente, os últimos lugares do desenvolvimento económico, da produtividade e do rendimento, como se o país tivesse sido objeto de uma maldição.

Nas minhas reflexões, acho sempre que uma boa parte da resposta para essa perplexidade, reside na crónica falta de aproveitamento da dinâmica e do talento dos jovens, para quem as nossas empresas, e o próprio Estado olha de forma negligente para esse capital humano estratégico, que desperdiçamos olímpicamente, em benefício de economias e países que os recebem de braços abertos.

Em Portugal somos especialistas em criar talento admirável e absolutamente incompetentes em aproveitá-lo ao serviço do desenvolvimento económico do país.

Two handwritten signatures in blue ink, one to the left and one to the right of the first paragraph.

É urgente estancar esse desperdício de talento jovem.

Esse deve ser um desígnio coletivo prioritário para Portugal e para todos, e cada um dos portugueses.

Em todos eles, os nossos jovens, encontramos a esperança e a confiança num futuro de Liberdade e em Democracia.

É pelos nossos jovens, que se exige à política e aos políticos, um esforço patriótico, com vista a uma definição dos grandes desígnios estratégicos nacionais, minimizando tanto quanto possível o que nos divide e potenciando ao máximo o que nos une, para que essa esperança fique em Portugal e contribua para o futuro coletivo de confiança que todos desejamos.

António Silva Tiago
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DA MAIA

Intervenção no 25 de Abril de 2023



Celebramos hoje a Liberdade. Que liberdade temos hoje, enquanto portugueses e maiatos?

Parafraseando o Prof. Luís Reis Torgal, historiador da Universidade de Coimbra, “Liberdade é uma palavra nobre, polissémica e ambígua”. Por isso, passados 49 anos sobre a Revolução – que, paradoxalmente, mais não é etimologicamente do que voltar ao mesmo sítio – e para que o vocábulo não esteja condenado ao seu étimo, afirmo que a liberdade que celebramos hoje é, tem de ser, muito mais do que poder escolher quem nos governa. É muito mais do que alienarmos o poder soberano que temos aos nossos representantes, através do voto. A liberdade é o meio que permite, a cada um de nós, realizarmo-nos na nossa plenitude, na nossa autonomia, seguir os nossos sonhos, fazer avançar o mundo.

Este Dia da Liberdade deve instar-nos a uma reflexão. Como podemos efectivamente exercer a nossa liberdade, meio para nos realizarmos? Que podemos nós, o poder local, enquanto membros desta Assembleia Municipal, fazer para que os maiatos possam efectivamente viver a sua vida, realizar os seus sonhos?

O imperativo categórico exige-nos um, e um só, dever: o respeito absoluto pelos maiatos. Respeito esse nas suas mais diversas dimensões. Pelo suor do seu trabalho, pelas suas vidas, pelo seu tempo, pela sua autonomia, pelos seus sonhos de vida.

Os tempos que atravessamos são tempos que nos exigem particular cuidado e atenção. Após a disrupção das nossas vidas pela pandemia, pagamos agora através da inflação o preço de políticas que nos mandaram ficar em casa. Também a guerra pressiona os preços de alguns bens. Neste contexto, o que pode fazer a autarquia para amparar os maiatos?

Exige-se rigor nas contas, bom senso na gestão do dinheiro dos contribuintes, apoio – não só aos mais carenciados – mas também a uma classe média que tende, pelo esbulho da política nacional, a ficar cada vez mais vergada sobre uma enorme carga fiscal. Não podemos aceitar que, perante o aumento de receita, se aumente a despesa. A nossa responsabilidade, perante as gerações actuais e as gerações vindouras, é amortizar

dívida ou reduzir a despesa. Alertei para tal no ano passado, quando os jurds ainda estavam baixos. E volto a alertar hoje. O aumento de receita tem de ser devolvido aos maiatos, e estas são as duas formas de o fazer.

Mais do que qualquer tipo de obra que se converta num elefante branco, os maiatos precisam que a Câmara lhes simplifique as suas vidas. Para tal, a Câmara não pode ser um pólo de burocracia ineficiente, um cobrador de taxas, um executor de festas – tem de ser, isso sim, um poder de serviço ao cidadão. Porque é para isso que servem os serviços públicos: para servir. Não são, nem podem ser, fins em si próprios. Nós, servidores públicos, mais do que representarmos os maiatos, estamos aqui para os servir, pois foram eles que nos delegaram o seu poder de governo, em liberdade e consciência, no momento do voto. Este é o sentido da democracia, que também hoje celebramos.

Parafraseando Lincoln, a Liberdade é algo que tem de ser construído todos os dias, num assomo de inconformismo, de defesa do primado da pessoa, de defesa intransigente de quem é censurado, porque quem nega a Liberdade aos outros não a merece para si.

Pela História fora, a liberdade custou muito sangue e agonia para ser abandonada ao preço barato da retórica. Por isso é importante celebrarmos a Liberdade. Por isso é importante sairmos à rua sempre que a nossa Liberdade é ameaçada. Nunca é adquirida, mas antes conquistada dia a dia, por gestos e actos. Mais do que celebrar, exerçamos, portanto, a Liberdade.

Exm^o. Senhor Presidente da Câmara Municipal

Exm^o Senhor Presidente da Assembleia Municipal e respetiva mesa

Exmos Vereadores da Câmara Municipal da Maia

Exmos Senhores e senhoras presidentes das Juntas de Freguesia

Exmos Senhores e senhoras deputados municipais

Minhas senhoras e meus senhores.

25 de Abril de 1974, a data em que celebramos a Liberdade. 49 anos de uma luta constante. Hoje trago aqui uma pequena reflexão sobre a revolução dos cravos, escrita por uma jovem aluna do 10^o ano.

Passo a citar:

“Como todos sabem, o 25 de abril é uma das datas mais importantes para o povo português. Este dia é lembrado como um ponto de viragem por assinalar a liberdade dos portugueses.

Esta data é também conhecida como uma revolução dos cravos, uma vez que, em vez de carregamentos mortíferos, os militares tinham cravos nas suas armas como símbolo de revolta. Por ser tão importante, é um dos eventos mais estudados nas escolas. Foi com isto que a democracia surgiu em Portugal. E com este novo regime político o povo adquiriu o poder interventivo nas decisões políticas, através do voto, o direito de se pronunciar e expressar sobre o tema que desejar, sem ter receio de ser julgado, preso, ou mesmo morto pelos seus pensamentos e opiniões. Sem esta mudança tão radical, hoje, não se falaria tão abertamente de assuntos como a igualdade de género, a eutanásia, o aborto, entre outros, não seríamos livres para fazer determinadas escolhas enquanto indivíduos, e, acima de tudo, não nos sentiríamos tão seguros a caminhar pelas ruas do nosso país.

Embora todas estas transformações tenham vindo carregadas de impactos positivos, o facto de ter sido tudo tão repentino deixou alguns problemas na estrutura governamental que ainda é utilizada hoje em dia. Os líderes portugueses, no que toca à distribuição de receitas pelas diversas áreas da sociedade, falham bastante, deixando inúmeros problemas por resolver.

Desde o 25 de abril que este país se tem vindo a transformar. Por vezes de acordo com as necessidades da população, e por outras nem por isso. Contudo é um país onde penso que a grande maioria se sente mais segura e livre após esta revolução,

e onde as desigualdades sociais, embora bastante presentes, não são tão acentuadas como em muitos outros países pelo mundo fora.”

É desta forma que os jovens, ou pelo menos a sua grande maioria vê esta data e vê o nosso país e é por eles que devemos continuar a lutar por um país verdadeiramente livre, democrático e sonhador! Que os adultos de hoje não fiquem de braços cruzados e que consigam um futuro risonho e promissor para os nossos jovens! Como disse Salgueiro Maia: “Às vezes é preciso desobedecer!”.

Viva a Liberdade! Viva o 25 de Abril! Viva Portugal!

Sofia Batista

Deputada Independente

1ª Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal de 25 de abril 2023



Intervenção

Cumprem-se hoje 49 anos sobre o dia 25 de abril de 1974, data fundadora da nossa democracia e referencial dos valores da liberdade e igualdade, justiça e solidariedade, da tolerância e paz. Não abdicamos de a celebrar e de lembrar com gratidão todos os que, com incomparável generosidade, deram a vida, liberdade, honra e património para que pudéssemos finalmente viver numa sociedade com liberdade.

Lembramos, também, aquele grupo de jovens capitães – “todos iguais ante as muralhas”, como refere David Mourão-Ferreira, no poema Testamento – que tomaram nas mãos o nosso destino comum naquela esperançosa manhã que hoje recordamos. Em seu nome, nunca mais toleraremos nenhuma espécie de tutela, nem o mando de homens providenciais ou as tentações hegemónicas do poder.

Deu-nos em boa hora o 25 de abril um regime político assente na soberania popular, na democracia, separação de poderes, no primado da lei e do estado de direito; e também a possibilidade de abrir portas em direção a uma sociedade plural e desenvolvida, mais justa e inclusiva, que para o PAN deve ser inclusiva e pugnar pela equidade.

A educação e a escola pública não seriam hoje as mesmas se o 25 de Abril de 1974 não tivesse ocorrido. "Tudo mudou" com os ventos de liberdade e a democratização do ensino, a escola passou a ser um elevador social, antes inatingível para a maioria da população.

Se a liberdade e a democracia foram conquistas fundantes de abril, a autonomia do poder local não o foi menos, no seu significado histórico e na extensão dos seus efeitos. A República veio reconhecer uma das bases mais antigas da nossa constituição política, anterior à nação e ao próprio conceito de Estado, que é o município. Fruto de sucessivas alterações ao respetivo estatuto jurídico, os municípios e as freguesias prosseguem hoje um leque abrangente de atribuições e competências: aos municípios e às freguesias cabe garantir a proximidade dos cidadãos e cidadãs com o sistema político e lhe assegura um primeiro contacto formal com rosto humano em matéria de Saúde, Educação, Ação Social, Cultura, Ambiente, Proteção Civil, Arborização, Bem-Estar Animal, Energia, Transportes, e tantas outras áreas da maior relevância.

O PAN tem representação política em vários municípios do nosso país e em várias assembleias de freguesia, onde tem desenvolvido um trabalho incansável na promoção e defesa das pessoas, dos animais e da natureza.

Ao contrário de uma ideia errada, amplamente difundida, o PAN nada impõe, apenas propõe.

Longe de revelações e iluminações transcendentais, mas convocado por uma aguda consciência cívica, política e ambiental, o PAN propõe uma visão holística e transversal, eticamente referenciada e ambientalmente subordinada.

Faz agora 3 anos, a líder do nosso partido, numa memorável intervenção parlamentar comemorativa do 25 de abril, dizia que "abril está por cumprir no funcionamento das instituições democráticas", afirmando que "na própria casa da democracia ainda há quem mostre intolerância a desvios ao pensamento único".

Acrescentava que "não há donos da democracia" e que o dogma do crescimento em espiral tem de ser substituído um novo modelo de desenvolvimento económico mais justo, sustentável e climaticamente neutro".

Inês de Sousa Real, dizia ainda que "abril está por cumprir no respeito que devemos também para com os animais (...) ainda votados ao abandono, aos maus-tratos, à privação da sua liberdade ou à sujeição a atividades cruéis.

É para nós simbólico e matricial que no estrato autárquico se assumam responsabilidades em matéria de proteção dos animais. Muito se tem feito a este nível, desde os regulamentos de proteção animal ao trabalho desenvolvido nos CROA e ao apoio às associações que, substituindo-se às autoridades, prosseguem um verdadeiro serviço público. Mas tanto ainda há por fazer nas políticas que abril inspira.

Foi o PAN que trouxe o tema dos direitos dos animais ao debate e abriu a rota do seu reconhecimento progressivo. Não há partido que não tenha agora um pacote de medidas de proteção animal no seu programa político. Ainda bem! A prática do PAN consiste em fazer pontes e construir soluções, porque nas causas pelas quais lutamos há vidas em jogo! Prosseguimos na sociedade portuguesa, contra obstáculos e escolhas várias, a nossa ação reformista e civilizadora. Por querermos acabar com tradições como as touradas, as chegadas de bois, as vacas das cordas, as garraíadas, o acorrentamento animal, o tráfico de espécies ou nos pronunciarmos de forma veemente perante a exploração intensiva dos solos e dos animais considerados de pecuária. Por estes motivos e tantos outros, o PAN é amado e odiado. Lutar pelo progresso da nossa sociedade é abril.

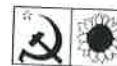
Infelizmente, e apesar de todas as "portas que abril abriu" (Ary dos Santos, 1975), em matéria de proteção e bem-estar animal sucedem-se ainda em Portugal os exemplos de crueldade, inconsciência e incompreensível falta de compaixão.

No momento atual é relevante apelar aos senhores deputados e senhoras deputadas que irão assumir poderes constituintes que poderão finalmente elevar a proteção dos animais ao patamar da dignidade constitucional. Será essa, sem dúvida, a melhor prenda que nos podem oferecer na ocasião do quadragésimo nono aniversário do 25 de abril.

Viva abril! Viva a liberdade!

Paula Costa
(Deputada PAN)





2.ª Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal da Maia - 25 de Abril de 2022

Intervenção

Exmo. Presidente da Assembleia Municipal,
Exmas. Secretarias da Mesa,
Exmo. Presidente da Câmara Municipal,
Exmos. Vereadores,
Exmos. Deputados Municipais,
Exmos. Convidados,
Exmos. Munícipes e Cidadãos,

Em nome da CDU, apresento os nossos cumprimentos.

Celebrar Abril, é valorizar as transformações e o progresso alcançado, é combater a reescrita da História e continuar a trilhar os caminhos da luta pelos valores e projecto de Abril.

Aqui estamos a comemorar o 49º. aniversário deste acontecimento ímpar da secular História do povo português e de Portugal. Essa realização grandiosa da vontade do nosso povo de afirmação de liberdade, de emancipação social, de soberania e independência nacional.

Comemorar a Revolução do 25 de Abril é celebrar o feito valoroso dos capitães, do seu movimento e o levantamento popular que imediatamente irrompeu que transformou a acção militar em Revolução.

Comemorar Abril é ter presente o que significou, as transformações que trouxe; o progresso conseguido; mas também os ataques da contra-revolução que duram até aos dias de hoje.



ds

Comemorar Abril é valorizar o carácter progressista da nossa revolução, onde se abriu caminho à liberdade e se construiu o edifício de direitos que ficaram plasmados na Constituição da República Portuguesa.

Comemorar Abril é lembrar a abnegada dedicação à luta antifascista, pela liberdade e democracia de homens, mulheres e jovens.

Ba
f.

Perante novas tentativas de branqueamento do fascismo, de surgimento de projectos reaccionários e fascizantes, é preciso não deixar esquecer o que significou o fascismo:

- a negação das liberdades políticas individuais;
- as perseguições, prisões, torturas e assassinatos de opositores políticos;
- o analfabetismo, a fome, a miséria e a falta de cuidados de saúde;
- o colonialismo, o racismo e a guerra;
- a discriminação legal das mulheres, dos povos indígenas e de outras minorias étnicas e religiosas;
- a corrupção por via da fusão do poder político com o poder económico, fusão que permitiu o saque dos recursos nacionais a favor dos monopólios e latifundiários, permitindo a acumulação de fortunas a um punhado de ricos e poderosos, ao mesmo tempo que era generalizada a pobreza e a miséria entre o povo.

Foi a Revolução de Abril que mudou Portugal.

Ela significou um extraordinário progresso da sociedade portuguesa com as suas conquistas:

- Conquista e instauração de um regime democrático;
- Conquista de liberdades e direitos fundamentais (sociais, laborais, políticos, sindicais, sexuais, entre outros);
- A elevação dos salários, a institucionalização do salário mínimo nacional, o aumento e alargamento das pensões de reforma e invalidez;
- A proibição dos despedimentos sem justa causa e o direito à greve;



- O alargamento do tempo de férias e o seu subsídio.
- Liquidação do poder dos monopólios, através do processo de nacionalização de sectores e empresas estratégicas da economia e soberania de Portugal;
- A Reforma Agrária que permitiu pôr a produzir centenas de milhar de hectares de terras incultas e pleno emprego;
- A criação do Serviço Nacional de Saúde geral e gratuito;
- O alargamento e melhoria da Segurança Social;
- O direito ao ensino e à educação;
- Criação do poder local democrático;
- A consagração na Lei do Princípio da Igualdade e da não discriminação em função do sexo, raça, língua, religião, convicções políticas e ideológicas entre outras.

ds.
B
A

Foi com a Revolução que se criaram milhares de postos de trabalho, que se desenvolveram actividades culturais, que se diminuiu a emigração.

Foi a Revolução de Abril que pôs um ponto final na guerra colonial, que reconheceu o direito à auto-determinação e independência dos povos.

Conquistas que, entre outras, criaram uma realidade que abria uma nova perspectiva de desenvolvimento do País e que a Constituição da República consagrou, tendo nela ficado inscrita a identidade da Revolução de Abril, das suas conquistas e das suas aspirações de **Progresso, Democracia, Desenvolvimento e Soberania**.

Conhecer a realidade vivida no Fascismo e o que a Revolução conquistou, dar combate à reescrita da história, às falsas atribuições do papel de cada um na revolução e na contra-revolução que se seguiu, é fundamental.

Foram sucessivas vagas de ataque às conquistas de Abril promovidas pelos governos, repondo e reconstruindo os velhos privilégios do capital monopolista, à custa de colossais recursos públicos, do aumento da exploração dos trabalhadores e do nosso povo.

É preciso abrir outra perspectiva para o desenvolvimento do País.



Exigência tão premente, quando o País se confronta com um quadro político, económico e social marcado pela falta de resposta do Governo aos problemas que se avolumam dia após dia, agravando as condições de vida dos trabalhadores e do povo, ao mesmo tempo que crescem os estrangulamentos e se agudizam os problemas nacionais de fundo.

É com Abril e os seus valores:

- Os valores da liberdade;
- Da emancipação social;
- Do Estado ao serviço do povo e não da exploração;
- Do desenvolvimento visando a melhoria da qualidade do nível de vida dos portugueses;
- Do pleno emprego;
- De uma justa e equilibrada repartição da riqueza nacional;
- Da soberania e independência nacional;

É com estes, que se encontra a resposta para a solução dos problemas nacionais.

É por isso que é justo dizer que são combates de Abril e por Abril os combates que hoje travamos em defesa das condições de vida dos trabalhadores e do povo, em defesa do desenvolvimento soberano do País, pelo direito do povo a decidir do seu futuro, em ruptura com a política de direita.

São combates de Abril e por Abril os combates pelo desenvolvimento do aparelho produtivo e da produção nacional, pela garantia da soberania e o controlo público de sectores estratégicos que satisfaçam as necessidades da população e contribuam para um verdadeiro desenvolvimento do País.

São combates de Abril e por Abril os que propomos travar para assegurar o pleno exercício das funções sociais do Estado, designadamente na Saúde, na Educação, na protecção social e na Habitação.



É o projecto de Abril que permite reconhecer a Saúde como um direito absolutamente central e que encontra tradução no Serviço Nacional de Saúde. O que estrangula o Serviço Nacional de Saúde e empurra utentes, profissionais, meios técnicos e recursos financeiros públicos para os privados e faz aumentar os lucros dos que fazem negócio com a doença é a política praticada e de direita e que põe em causa a saúde dos portugueses e dos cidadãos que escolheram Portugal para viver e trabalhar.

É o projecto de Abril que permite trilhar um caminho em direcção a uma Educação verdadeiramente democrática, pública e gratuita, que procura a formação integral e plena do indivíduo, que tenha em conta e valorize a cultura e o desporto.

É Abril e o seu projecto que prevê que todos tenham direito a uma habitação condigna, de dimensão adequada, em condições de higiene e conforto, que preserve a intimidade pessoal e a privacidade familiar.

São combates de Abril e por Abril os que resultam numa política cultural assumida como um factor de valorização, de democratização da sociedade e de emancipação social;

São combates por Abril, os que travamos em defesa do Poder Local Democrático, como espaço de realização, promoção e elevação das condições de vida e que tem sido atacado, reduzido e limitado na sua autonomia administrativa e financeira.

Um poder local que precisa de ser afirmado e defendido quando hoje em nome de uma falsa descentralização se quer impor a transferência de encargos, quando hoje PS, PSD, Chega e IL manobram para impedir a reposição de freguesias liquidadas.

Foi Abril que permitiu abrir as portas da Paz, da solução negociada dos conflitos, do diálogo, privilegiando o interesse dos povos em detrimento do interesse das indústrias da guerra e do armamento.

É por tudo isto, que este é cada vez mais o tempo de defender e afirmar Abril!



É tempo de respeitar, cumprir e fazer cumprir a Constituição da República e não de a subverter com novas revisões!

Não admira que ataquem Abril e a Constituição.

Não admira que ainda tenham contas a ajustar com novas revisões do texto fundamental da democracia portuguesa.

Não admira que queiram reescrever a História.

Não admira que queiram pôr a Revolução lá para trás e que nos queiram convencer que é coisa do passado, ultrapassada e enterrada.

A Revolução de Abril que aqui comemoramos é Património do Povo e é Património do Futuro.

É fundamental que saibamos transmitir que não houve avanço nem transformação, da mais simples à mais profunda e radical, sem a impetuosa acção das massas populares, que num curto espaço de tempo venceu todas as resistências.

Comemoramos Abril pelo que Abril significou, pelo que significa no presente, mas também pelo que significará como projecto para o futuro de Portugal!

Se podemos afirmar que a Revolução de Abril é um momento maior da nossa História, devemos também afirmar com toda a confiança que o melhor do caminho histórico de Abril ainda está para vir e chegará com a acção, intervenção e luta dos Trabalhadores e do Povo, com a luta dos democratas.

Nós temos a mais firme convicção que o generoso projecto de Abril e os seus valores acabarão por se revelar como uma necessidade objectiva na concretização de um Portugal fraterno e de progresso.

VIVA o 25 de ABRIL!



Bloco de Esquerda
Maia

25 de abril sempre!
49 anos do 25 de abril de 1974

Hoje celebramos o 49º aniversário da Revolução dos Cravos, um momento histórico decisivo para a democracia em Portugal. Há quase cinco décadas, o povo português saiu às ruas para reclamar a liberdade e esse dia marcou a queda do velho regime fascista que amordaçava, atrasava e empobrecia o país.

Durante décadas, o Portugal parecia condenado à miséria, ao analfabetismo, ao obscurantismo, à opressão e violência do regime. Não obstante, houve sempre esperança e desejo de um futuro melhor. Houve homens e mulheres que arriscaram a sua vida a lutar pela paz e pela libertação do país das garras da ditadura.

Como dizia Carmo Afonso, cronista do Público, "por mais voltas se queira dar, uma coisa não pode ser esquecida: **O 25 de abril foi uma revolução de esquerda.** E se existe uma direita que hostiliza a revolução e não a comemora, outra dela se apropria e pretende ser sua guardiã. Mas não teria havido revolução se, em 1974, a rua estivesse tomada pela direita. A democracia é de todos, mas também é bonito cada um saber qual é o seu lugar".

Com o 25 de Abril de 1974, implementou-se a liberdade de expressão e o direito à participação política, democratizou-se a educação, criou-se o Serviço Nacional de Saúde, garantiu-se o direito à habitação e ao trabalho. Pôs-se fim à guerra fratricida em África e ao colonialismo racista. A Constituição da República de 1976, consagrou os direitos, liberdades e garantias e os direitos económicos, sociais e culturais conquistados no processo revolucionário.

Valeu a pena. Mas as conquistas alcançadas não são irreversíveis, os direitos devem ser defendidos e protegidos. **Houve avanços, mas também recuos. E ainda o muito que ficou por fazer.**

Em 2022, a **inflação** superou recordes de 30 anos e, em 2023, continua a crescer. As recentes notícias de um ligeiro abrandamento apenas confirmam o

afs.
BA
f

prolongamento da perda de poder de compra de salários e pensões. A descida do IVA apenas serve de "borla fiscal" para aumentar lucros milionários. É necessário ir mais longe e combater a especulação nos preços dos bens alimentares e aumentar salários.

A **habitação** é, cada vez mais, uma miragem. Enquanto o Governo andou a promover os vistos gold e as reformas douradas, o custo da habitação não parou de aumentar. Um dos países mais pobres da Europa tem hoje cidades com a habitação das mais caras do continente europeu. A liberalização do mercado de arrendamento deixou pessoas sem casa e a falta de investimento público em habitação social (para todos, não só para os "pobrezinhos") contribuiu para acentuar a degradação do parque habitacional do país. Precisamos de casas para morar, não para ficarem nas mãos de oligarcas e fundos imobiliários especulativos. *Só com mais investimento público se resolve o problema da habitação!*

A **saúde** continua a ser um bem inacessível a uma parte da população. As listas de espera prolongadas para consultas e cirurgias, a falta de médicos ou de infraestruturas (hospitais e centros de saúde) são problemas que se cumulam com as condições de trabalho indignas de muitos profissionais de saúde (médicos, enfermeiros, técnicos de diagnóstico e terapêutica). Estes profissionais fazem falta ao SNS, contudo, veem-se obrigados ao pluriemprego ou à emigração para sobreviver. *Proteger o SNS é reforçar os seus meios materiais e humanos, aplicar um regime de exclusividade, combater a promiscuidade entre público e privado e o escandaloso favorecimento do lucrativo negócio privado da saúde!*

Na **TAP**, a confusão é total. À gestão danosa dos privados, soma-se agora a incompetência do Governo. No momento em que a empresa começa a dar lucros (110 milhões no ano passado) e a pagar o empréstimo do Estado, o Governo apressa-se em privatizar. Não aprendemos nada com a crise financeira nem com os processos de privatização de ativos lucrativos e estratégicos como a EDP, a REN ou os CTT.

Os **professores**, a quem tanto devemos neste país, são desrespeitados por um Governo que continua a ignorar a força demonstrada nas ruas por uma classe muito mal tratada, não lhes reconhecendo o tempo de serviço nem irdo ao encontro de

nenhuma das principais reivindicações dos sindicatos nas negociações. *Dar aos professores aquilo que é seu por direito nada mais é do que salvaguardar a continuidade da profissão docente, cada vez mais envelhecida e menos atrativa para as novas gerações!*

Os **jovens** fazem-se ouvir nas ruas, escolas e universidades com greves climáticas e ocupações estudantis. É tempo de deixarmos de lado os discursos hipócritas e moralistas sobre os jovens serem o futuro e começarmos a parar de destruir o planeta e comprometer o seu futuro. *É tempo de pôr um travão ao aquecimento global e acelerar a transição energética e adaptação do território às alterações climáticas. O gás natural e a energia nuclear não são verdes! O futuro é agora, não há planeta B!*

As **mulheres** continuam a ser alvo de discriminações e desigualdades. O maior problema de segurança do país chama-se violência doméstica. Em 2022, 28 pessoas perderam a vida. Quantas mais mulheres terão de morrer todos os anos às mãos de maridos, companheiros ou ex-companheiros? A desigualdade salarial das mulheres trabalhadoras ronda os 13%, são quase 50 dias de trabalho não remunerado. *Não são flores que as mulheres precisam, mas sim direitos, justiça e igualdade!*

A geração mais qualificada da sua história sente-se também ameaçada no seu futuro laboral. Hoje não basta ter qualificações para se viver condignamente. Enquanto os lucros da banca, das gasolinhas e dos supermercados aumentam, a precariedade laboral é a realidade de milhares de jovens e estamos ainda longe de alcançar o pleno emprego. O **desemprego** e a **precariedade** são ataques aos direitos de quem trabalha e um obstáculo à liberdade. *Temos de ser firmes no seu combate. A um salário deve corresponder uma vida digna. Não há verdadeira democracia com desigualdade e exclusão social!*

O acesso à **justiça** não é igual para todos. As taxas são elevadas, faltam funcionários nos tribunais, exige-se a dignificação das profissões jurídicas. *Sem acesso ao direito e aos tribunais, não há democracia. A justiça não pode ser denegada por insuficiência de meios económicos!*

af.
BA
f

A promiscuidade entre a política e os negócios é terreno fértil para a **corrupção** e o **crime económico**. As portas giratórias entre ex-governantes e futuros administradores de bancos e grandes empresas têm levado a que o Estado seja usado como instrumento para a acumulação de capital nas mãos de uma oligarquia privilegiada. A burguesia vive à sombra do Estado, delapidando e sugando o seu património, seja por via de privatizações, cortes de impostos aos mais ricos ou benefícios fiscais. *O crime económico tem de ser combatido, protegendo-se a economia e as pessoas, salvaguardando-se a confiança nas instituições!*

Manter vivo o espírito de abril implica melhorar a democracia e combater a pobreza, as desigualdades e a corrupção, fruto de opções políticas neoliberais que vão contra os interesses dos povos e abrem portas àqueles que, por oportunismo e preconceito, semeiam o ódio para colherem soluções reacionárias, autoritárias, xenófobas e populistas, às quais o povo de abril disse NÃO. E hoje dizemos, também, bem alto: **Fascismo nunca mais!**

Não queremos voltar para trás. Precisamos de **continuar e aprofundar** o caminho da luta pela liberdade, pela democracia e pela justiça social, de construir um país mais livre, mais justo e mais fraterno, abrindo caminho para uma sociedade socialista.

Que esta celebração do 49º aniversário da Revolução dos Cravos seja uma comemoração de luta que tem a sua plenitude na rua, espaço público e democrático, cuja participação cumpre com a exaltação da memória e o tributo a todos aqueles, homens e mulheres, que se envolveram na luta contra o fascismo e a ditadura do Estado Novo e se empenharam pela democracia social e laboral e pela implementação de um Estado social.

Viva o 25 de abril!

25 de abril sempre!

O Grupo Municipal do Bloco de Esquerda,

Jorge Santos

Sérgio Sousa



Assembleia Municipal da Maia
Sessão Solene Comemorativa do 49.º Aniversário do 25 de Abril
25.04.2023

Intervenção pelo Partido Socialista – PS

Os militares que protagonizaram aquela que viria a ficar conhecida como a “Revolução dos Cravos” continuam, seguramente, a granjear a gratidão da maioria dos portugueses. Não obstante, não podemos estar seguros de que este sentimento de gratidão se estenda a todos quantos exercem, em nome da população, o poder pelos diversos patamares e órgãos de governação.

A História, em cada ano, tende a tomar o lugar da Memória, que se apagará, em definitivo, com o desaparecimento da última pessoa capaz de responder à questão que, em 1999, o jornalista Baptista Bastos colocou a um conjunto de personalidades: “Onde é que estavas no dia 25 de abril de 1974?”

A capacidade de dizer, de afirmar, de fazer vingar é plena, existe, enquanto pode ser, de viva-voz, transmitida por quem esteve, passou, testemunhou, o mesmo não sendo, de todo, garantido quando, na extinção dos contemporâneos, apenas restarem os documentos. É que a utilização e, também, o interesse de utilização estão limitados a vontades dependentes de “n” fatores e, o que é bem verdade em relação ao passado, as tentações de instrumentalização e de usos abusivos.



aps

Handwritten signature and initials.

Isto para justificar a importância da celebração desta data num tempo, que era esperado, de questionamento da validade, do interesse e do proveito que, resgatando as palavras de Sophia de Mello Breyner, advieram desse “dia inicial inteiro e limpo, onde emergimos da noite e do silêncio e livres habitamos a substância do tempo”. (In “O Nome das Coisas”, 1977).

Saberão hoje os jovens, esperança da democracia, que:

- A Ponte 25 Abril antes chamava-se Ponte de Oliveira Salazar.
- A escola só era obrigatória até à 4ª classe.
- Havia privação na criação artística. Não se podia pintar, cantar, desenhar de forma livre!
- Foram proibidos pela censura 900 livros.
- Todos os homens eram obrigados a ir à tropa.

Mas mais:

- As mulheres ganhavam menos cerca de 40% que os homens.
- Se a mulher exercesse atividades lucrativas sem o consentimento do marido, este podia rescindir o contrato.
- A mulher não podia exercer o comércio sem autorização do marido.
- As mulheres não tinham acesso às seguintes carreiras: magistratura, diplomática, militar e polícia.



- Certas profissões (por ex., enfermeira, hospedeira do ar) implicavam a limitação de direitos, como o direito de casar.

Que, na Família:

- O único modelo de família aceite era através do casamento.
- A idade mínima do casamento era aos 16 anos para o homem e 14 anos para a mulher;
- A mulher, face ao Código Civil, podia ser repudiada pelo marido no caso de não ser virgem na altura do casamento.
- Existia a figura do Chefe de Família, ocupado pelo homem que detém o poder marital e paternal. Salvo casos excecionais, o chefe de família era o administrador dos bens comuns do casal, dos bens próprios da mulher e bens dos filhos menores.
- O Código Civil determinava que «pertence à mulher durante a vida em comum, o governo doméstico».
- Mães solteiras não tinham qualquer proteção legal.
- A mulher tinha legalmente o domicílio do marido e era obrigada a residir com ele.
- O marido tinha o direito de abrir a correspondência da mulher.
- O Código Penal permitia ao marido matar a mulher em flagrante adultério (e a filha em flagrante corrupção), sofrendo apenas um desterro de seis meses;



[Handwritten signatures]

- Até 1969, a mulher não podia viajar para o estrangeiro sem autorização do marido.

E quanto a segurança social e equipamentos sociais:

- O regime de previdência e de assistência social caracterizava-se por fraca cobertura de riscos e prestações sociais e um baixo nível de proteção social.

Não existia pensão social, nem subsídio de desemprego.

- A pensão paga aos trabalhadores rurais era muito baixa e com diferenciação para mulheres e homens.

- Não existia pensão mínima.

- As mulheres, particularmente as idosas, tinham uma situação bastante desfavorável.

- Em 1973, havia 16 creches oficiais e a totalidade, incluindo as particulares, que cobravam elevadas mensalidades, abrangia apenas 0,8% das crianças até aos 3 anos de idade.

- Não existiam escolas pré-primárias públicas e as privadas cobriam apenas 35% das crianças dos 3 aos 6 anos de idade.

E quanto a direitos cívicos e políticos:

- Até final da década de 60, as mulheres só podiam votar quando fossem chefes de família e possuíssem curso médio ou superior.



Handwritten signatures in blue ink.

- Aumento generalizado de salários, garantia de emprego, férias, subsídio de férias e de Natal; diminuição das diferenças salariais, supressão do tratamento legal ou convencional claramente discriminatório.
- Abertura às mulheres das carreiras da magistratura judicial e do ministério público e dos quadros de funcionários da justiça (DL 251/74, 12.06), carreira diplomática (DL 308/74, de 6.07), a todos os cargos da carreira administrativa local (DL 251/74, de 22.06).
- Abolidas todas as restrições baseadas no sexo quanto à capacidade eleitoral dos cidadãos (DL 621-A/74, de 15.11).
- Alteração do artigo XXIV da Concordata, passando os casamentos católicos a poder obter o divórcio civil (DL 187/75, de 4.04).
- Abolido o direito de o marido abrir a correspondência da mulher (DL 474/76, de 16.06).
- Revogadas disposições penais que reduziam penas ou isentavam de crimes os homens, em virtude de as vítimas desses delitos serem as suas mulheres ou filhas (DL 262/75, de 27.05).
- Ampliação do período de licença de maternidade para 90 dias (DL 112/76, de 7.02), 60 dos quais teriam de ser gozados após o parto, estando abrangidas todas as trabalhadoras.



afs.

BA
A

- Em 1968, a lei estabeleceu a igualdade de voto para a Assembleia Nacional de todos os cidadãos que soubessem ler e escrever. O facto de existir uma elevada percentagem de analfabetismo em Portugal, que atingia sobretudo as mulheres, determinava que, em 1973, apenas houvesse 24% dos eleitores recenseados.

- No caso de serem chefes de família (por viuvez), as mulheres apenas podiam votar para as Juntas de Freguesia, tendo de apresentar atestado de capacidade moral.

Será que a juventude se empenhará ou, como é nossa responsabilidade, obterá formação cívica e política para não esquecer o passado, não o olhar pelo lado do “encantamento populista”, pela nostalgia do “antes é que era bom”, e terá em conta todas as conquistas, todo o progresso social que adveio a proveito transversal da população portuguesa, num verdadeiro reformismo que, inquestionavelmente, é inerente ao ideário e à atuação do Partido Socialista?

É importante celebrar para não esquecer.

Foram inicialmente conquistas em catadupa de um Portugal que, estando “amordaçado”, para lembrar Mário Soares, tinha de se libertar:

- Fixação do salário mínimo nacional (DL 212/74, de 27.05).



- Criação das consultas de planeamento familiar nos centros de saúde materno-infantil (Despacho do Secretário de Estado de Saúde, 16.03.76).

O 25 de Abril foi um movimento libertador, a revolução dos três DDD:

Democracia.

Descolonização.

Desenvolvimento socioeconómico do nosso país.

Culminou, em processo que estará sempre inacabado, a 2 de abril de 1976, dez meses depois do início dos seus trabalhos, com a aprovação, pela Assembleia Constituinte, da Constituição de 1976, que, nomeadamente, consagrou a igualdade entre mulheres e homens, em todos os domínios da vida, e a revogação de todo o direito discriminatório então vigente.

Os exemplos de abril não podem deixar de o ser, sobretudo para os vindouros, implicando isso o reconhecimento de quem, sentindo o momento, fez esse dia, do mais conhecido ao mais anónimo.

José Alves Costa, cabo apontador, recusou "dar fogo" contra os tanques dos revoltosos, na Rua do Arsenal, definindo, nesse dia, o caminho da liberdade.



Handwritten signatures in blue ink, including a large signature at the top and two smaller ones below it.

Se a sua atuação de desobediência não ocorresse não estaríamos hoje certamente a comemorar, desta forma, a liberdade.

Ao ouvir, vezes sem conta, a emblemática interpretação “Tourada”, por Fernando Tordo, escrita pelo poeta de revolução, José Carlos Ary dos Santos, ganhadora do décimo Festival RTP da Canção, 26 de fevereiro de 1973, com transporte para os dias de hoje, não temos qualquer dúvida de que ainda campeiam por aí muitos “inteligentes” a determinar que se “acabaram as canções”.

São justamente aqueles para quem a democracia só o é se forem eles a exercer o poder, esquecendo, ilegitimamente, que as eleições fixam a distribuição de lugares em função do número de votos que os representantes granjeiam junto do eleitorado e que existem esteiros bem definidos para a representação da diversidade que eles mesmos, de forma imoral, sem ética, atrapalham e não cumprem ano após ano, mês após mês, diariamente. Chegam mesmo a praticar fraude eleitoral.

Defraudam a democracia, negam o ideário fundador que a deve manter, deixam margem para o retorno ao providencialismo populista de que, afinal de contas, são os melhores representas ao expelirem, sem senso, discursos vazios de realidade e plenos de demagogia.



Dada a sua atualidade, porventura muito sentida no concelho da Maia, findar, para sempre começar, com o poema de Jorge de Sena (Lisboa, 02.11.1919-Santa Barbara, Califórnia, 04.06.1978), “A Cor da Liberdade”.

“Não hei-de morrer sem saber
qual a cor da liberdade.
Eu não posso senão ser
desta terra em que nasci.
Embora ao mundo pertença
e sempre a verdade vença,
qual será ser livre aqui,
não hei-de morrer sem saber.

Trocaram tudo em maldade,
é quase um crime viver.
Mas, embora escondam tudo
e me queiram cego e mudo,
não hei-de morrer sem saber
qual a cor da liberdade”.

Mais do que nunca, de ontem para hoje e de hoje para amanhã, a pensar na juventude, as otimistas palavras de Mário Soares, que, apenas com 21 anos, permanecem como inspiração para todos os democratas:

“Os jovens de hoje são os homens de amanhã. Falar de juventude significa voltarmo-nos para o Futuro. E nós, democratas, não tememos o futuro –



porque acreditamos no caminhar da história. Por isso nos voltamos para a juventude e nos permitimos a todas as esperanças, a todos os entusiasmos”

(In Arquivo da Fundação Mário Soares,
<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=02969.003.002#!1>).

No trânsito da Memória para a História, parafraseando José Carlos Ary dos Santos, somos todos responsáveis por celebrar, por praticar e, com exemplo, difundir os ideais advindos d’As portas que Abril Abriu”.

**Viva o 25 de Abril, Viva a Liberdade, Viva a Democracia, Viva Portugal, Viva a
Maia**

Maia, Paços do Concelho, 25 de abril de 2023

Exmo Sr Presidente da Assembleia Municipal e exmas Sras secretárias.

Exmo Sr. Presidente da Câmara Municipal e Exmas e Exmos Sras e Srs

Vereadores, Sras e Srs presidentes de junta de freguesia.

Exmas e Exmos deputadas e deputados municipais e demais entidades civis, de segurança pública e militares aqui presentes.

Maiatas e maiatos

Hoje, invocamos a data mais importante da nossa história recente, a Revolução dos Cravos, 25 de Abril de 1974, o tiro de partida na nossa jornada coletiva em direção à liberdade e democracia e o momento em que o povo e as forças armadas se uniram para lutar por um futuro melhor, um futuro em que todos nós nos tornaríamos livres e as nossas vozes seriam ouvidas.

A Revolução dos Cravos foi também uma vitória para além do povo português para a liberdade e a democracia outros sítios, mostramos que quando nos unimos para lutar pelos nossos direitos, a mudança é possível. Abril, abriu o caminho para que pudéssemos ter eleições livres ao fim de décadas, que uma nova constituição entrasse em vigor cimentando e protegendo os nossos direitos individuais e coletivos, Abril permitiu a criação de partidos políticos e de sindicatos, dando voz ao povo Português, permitiu-nos alcançar os seus desígnios e que fossemos tratados de forma justa e igual independentemente do seu estatuto social, afiliação partidária, credo ou etnia.

Nestes 49 anos de liberdade o país avançou. Graças a Abril, construímos um futuro melhor, acabamos com uma guerra terrível e anacrónica, construímos escolas e infraestruturas, implementamos o Serviço Nacional de Saúde, entramos na União Europeia e na moeda única o que nos fez aproximar mais da Europa democrática e fez melhorar sem sombra de dúvida a vida das portuguesas e dos portugueses.

Exemplo destas oportunidades é a nossa Maia, que nos anos 70 era ainda um município rural e atrasado, mas, que soube usufruir do melhor que Abril lhe trouxe para se tornar o que é hoje, um município exemplar a nível nacional, moderno, aberto e plural.

No entanto, não nos enganemos, a luta pela liberdade e pela democracia é contínua, vivemos num mundo onde movimentos autoritários e antidemocráticos estão em ascensão, e até por cá vemos alguns que nos querem fazer voltar ao tempo do "orgulhosamente sós", a esses dizemos, nunca mais, nunca mais

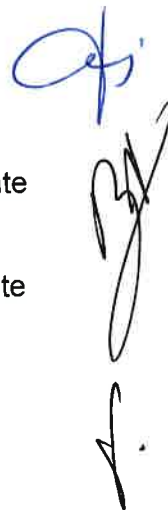
viveremos subjugados, nunca mais viveremos amordaçados, cabe a cada um de nós lutar contra esses movimentos e proteger as nossas liberdades e direitos duramente conquistadas e pelas quais tantas e tantos lutaram e morreram, durante a ditadura.

Como disse Francisco Sá Carneiro, "A democracia é no fundo, o esforço constante e diário, na luta contra a ditadura, da preservação da liberdade, contra qualquer espécie de ditadura".

Viva Portugal!

Viva a Liberdade!

Viva Abril!

A handwritten signature in blue ink, consisting of a stylized 'F' followed by a series of loops and a final vertical stroke.



[Handwritten signatures in blue ink]

Discurso do Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Maia no dia 25 de abril de 2023

Senhor Presidente da Câmara Municipal,

Meu Caro amigo António Silva Tiago,

Exmas. Senhoras e Exmos. Senhores Deputados Municipais,

Estimados Maiatos,

Antes de iniciar esta minha intervenção, permitam-me uma nota prévia de agradecimento aos trabalhadores do Município que, com o seu trabalho e dedicação tornaram possível a realização destas comemorações da evocação do 25 abril, o Dia da Liberdade.

Comemorações que começaram na passada sexta-feira com a Assembleia Municipal Jovem e têm, hoje, nesta Assembleia Municipal um dos seus momentos mais relevantes.

A todos o meu muito obrigado.

Saúdo Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal, agradeço todo o empenho na realização desta Cerimónia

Saúdo Exmas. Secretárias da Mesa da Assembleia,

Saúdo Exmas. Senhoras e Exmos. Senhores Vereadores aqui presentes,

Saúdo Exmas. Senhoras e Exmos. Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia do concelho da Maia,

Saúdo Exmas. Senhoras e Exmos. Senhores Deputados Municipais,

Uma palavra de agradecimento, ao anterior Presidente da Assembleia Municipal, o meu bom amigo, Senhor Luciano Gomes, obrigado pela sua presença, nesta cerimónia

Demais Autarcas aqui presentes,

Exmos. Senhores Representantes dos Partidos Políticos,

Exmos. Senhores Representantes das forças Policiais,

Demais Autoridades Cívicas, Religiosas, Militares, de Socorro e de Segurança aqui presentes,

Exmo. Senhor Provedor do Município

Exma. Senhora Provedora da Santa Casa da Misericórdia da Maia

Exmas. Senhoras e Senhores Dirigentes Associativos das Associações e Coletividades Maiatas,

Demais Convidados,

Órgãos de Comunicação Social,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Caras e Caros Maiatas,

Em primeiro Lugar uma saudação muito calorosa de profundo agradecimento às crianças, maestros, maestrinas, pais e encarregados de educação do Coral Infantil Municipal dos Pequenos Cantores da Maia, e aos músicos do grupo Ensemble de Guitarras do Conservatório de Música da Maia, que abrilhantaram esta Sessão Solene evocativa do dia da Liberdade.

Uma palavra também de gratidão às Bandas do nosso Conselho, a Banda Marcial de Gueifães e a Banda de Música de Moreira, Instituições de referência a nível nacional, com uma riquíssima história em prol da formação musical dos jovens e da preservação da identidade cultural do nosso Concelho.

Para todos estes nossos artistas deixo o nosso reconhecimento, o reconhecimento da Assembleia Municipal da Maia que com a preciosa colaboração dos pais e encarregados de educação conseguem manter bem viva a identidade cultural da nossa Maia.

Para todos eles eu peço uma grande salva de palmas.

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal,

Exmas. Senhoras e Exmos. Senhores Deputados Municipais,

Caras e Caros amigos Maiatas,

Começo por enviar uma fraterna saudação a todas as cidadãs e cidadãos que neste momento acompanham esta sessão solene da Assembleia Municipal da Maia, comemorativa do 25 de abril, Dia da Liberdade, através dos canais digitais de comunicação do Município.

De hoje a um ano, Portugal estará a assinalar meio século de Liberdade e Democracia.

49 anos após o 25 de abril de 1974 é tempo bastante para que possamos fazer um balanço e olhar para o caminho percorrido, dispostos a aceitar os erros, a perceber as oportunidades, as perdas e a valorizar, na medida do que for razoável valorizar, os avanços no desenvolvimento social e económico que conseguimos concretizar enquanto comunidade nacional.

Creio que nenhum de nós terá dúvidas, que o facto do 25 de abril ter aberto as portas a um poder local democrático, constituiu, porventura, um dos mais importantes progressos políticos em Portugal.

Eu próprio, enquanto cidadão e munícipe maiato, tive e tenho a honra de servir a comunidade concelhia, cumprindo a vontade dos maiatos que me concederam livre e democraticamente, vários mandatos autárquicos. E nesse meu trajeto de serviço à comunidade, fui consolidando a minha convicção de que a Maia se foi transformando, evoluindo e desenvolvendo, porque estava nas mãos dos próprios maiatos decidir, planear e concretizar o que entendiam ser melhor para a Maia.

Foi essa possibilidade política, de escolher em Liberdade e em Democracia que fez a diferença, toda a diferença, entre a Maia do passado e a Maia de hoje e, certamente, a Maia do futuro e da esperança.

Volvidas estas quase cinco décadas depois da revolução do 25 de abril, olhamos para o país e, sem dúvida alguma, podemos afirmar que muito do que mudou, do que mudou para melhor, foi graças ao poder local democrático.

Minhas senhoras e meus senhores,

Citando um poema de Sofia de Melo Breyner que todos bem conhecemos: "Vemos, ouvimos e lemos, não podemos ignorar".

E, é exatamente assim, vemos como está o Mundo de hoje, ouvimos e lemos as notícias e, claro, não podemos ignorar que o Mundo está perigoso.

Diante o cenário mundial atual, a Paz, a Liberdade, a Democracia, a Justiça, a Segurança, o Estado de Direito Democrático e os Direitos Humanos são conquistas e valores ameaçados.

É importante que consigamos ajudar as novas gerações a compreender que nenhuma dessas conquistas pode ser dada por adquirida e que é preciso continuar a pugnar pela preservação da Liberdade e da Democracia.

E só podemos ajudar os jovens a compreender a fragilidade dessas conquistas, inspirando-os pelo exemplo das boas práticas políticas democráticas, mas também, por um diálogo permanente sobre esses temas, para que aprendam a amar a Liberdade e a defender, a defender sempre, a Democracia, o Pluralismo e a Tolerância.

Aqui, nesta Assembleia Municipal, onde toda a Maia e todos os maiatos estão representados, o pluralismo democrático e a diversidade de opiniões e de perspetivas sobre a realidade concelhia, não nos impedem de convergir no que alude aos valores essenciais que o 25 de abril de 1974 nos proporcionou, desde logo, a Liberdade de expressão e de escolha, a Democracia e a tolerância, assumidos e exercidos no pleno respeito pela diversidade que nos enriquece.

Quero felicitar e agradecer a todas e todos os democratas que nesta Assembleia Municipal servem a Maia, participando ativamente nos debates e nas votações dos assuntos de interesse da comunidade.

Do mesmo modo, felicito e agradeço, na pessoa do Senhor Presidente da Câmara Municipal, o trabalho político de todos os membros da Câmara Municipal, principalmente o trabalho que se traduz em efetivo desenvolvimento coletivo e melhoria da qualidade de vida dos maiatos.

Um agradecimento que endereço também a todas e todos os colaboradores que na Câmara Municipal, nos Serviços Municipalizados e nas empresas municipais, exercem as suas funções públicas, com espírito de serviço e com competência profissional, servindo a causa pública e o bem-comum, com empenho e com denodo.

Termino, enviando uma palavra de esperança e solidariedade ao povo mártir da Ucrânia, que neste momento enfrenta os horrores de uma guerra dilaceradora, lutando todos os dias pela Liberdade e pela Paz.

Uma palavra de esperança que quero também enviar às maiatas e aos maiatos que enfrentam dificuldades e carências, ou que vivem a experiência da solidão, recordando particularmente os nossos seniores, a quem deixo um afetuoso abraço de amizade.

Caras amigas, caros amigos,

Tenhamos sempre presente que a Liberdade é como o ar que se respira e, tal como ele, só lhe damos verdadeiramente valor, quando ela (a liberdade) nos falta.

A todos muito obrigado.

Viva a Liberdade!...

Viva Portugal!...

Viva a Maia!...

António Bragança Fernandes
PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA